

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

2.^a SERIE

NUMERO 43

REDACTORA

Guimar Torrezão

Lisboa, 8 de Outubro de 1881

GERENTE

Henrique Zeferino

Summario. — Pedro Americo, Guimar Torrezão — *Theatros de Paris*, Guilherme de Azevedo — *Atravez do Binoculo*, A Mascote, Gabriel Claudio — *Soirés em Madrid*, Manlius — *Corteira de um fantasiista*, Madrugada na roça, Luiz Guimarães Junior — *Rumores dos Palcos*, Carteira de Prudhonne, *Bibliographia*, *Segredos do Toucador*, *Album enygmatico*, André do Quental — *Um crime na charneca*, (folhetim), Julio Lourenço Pinto.

PEDRO AMERICO

Refere a tradição que estando Benvenuto Celline assentado ao lado do pae, em uma tempestuosa noite de inverno, viram ambos saltar entre as brazas crepitantes, descrevendo espiraes de fogo, uma vibora. O pae chamou a attenção de Benvenuto, que contava apenas dez annos, e apertando-lhe a cabeça nas mãos, a ponto de arrancar-lhe lagrimas, disse-lhe: — Não chores. Affirma a lenda que quem viu a salamandra viu a gloria. Soffrerá embora mil revezes, affrontará medonhos perigos, mas cedo ou tarde ha de triumphar.

Pedro Americo viu a salamandra, e só assim se explica que elle levasse de vencida a onda amarga do infortunio, que tantas vezes tentou arrastal-o no seu fatal torvelinho.

Pedro Americo nasceu em Arêas, cidade da Parahyba do Norte, no dia 29 de abril de 1843.

Logo na infancia desabrochou n'elle innato o sentimento do bello. A vocação, revelando-se imperiosamente, collocou nas mãos da criança um lapis, guiou-lhe esse lapis tremente e ensinou-a a copiar as folhagens viçosas, as flores garridas, as borboletas reluzentes d'essa calida natureza tropical. Os desenhos eram, não poucas vezes, os antipodas da imagem retratada. Nem por isso o pequeno artista deixava de sentir-se orgulhoso, como Miguel Angelo depois de pintar os frescos da capella Sextina.

Completara Pedro Americo sete annos de idade, quando passou por Parahyba do Norte o capuchinho fr. Seraphim, reputado infallivel e sagrado na opinião dos supersticiosos parahybanos. A exaltada e insana devoção pelo missionario attingiu o cumulo de se vender a agua em que elle lavou a cara a razão de 600 réis o decilitro!

A fama do menino Americo corria de bocca em bocca. Caiu-lhe em casa Parahyba em peso a encomendar retratos do santo. Um queria-o a olhar para o ceu, outro appetecia-o assentado na orla da estrada, outro exigia uma aureola: este ambicionava o santo inteiro, aquelle partido ao meio.

Figueiredo e Mello, pae de Pedro Americo, ria-se da seriedade do futuro Horacio Vernet, que com o olhar brilhante e as mãos tremulas, tomava nota das encomendas e escrevia os nomes.

Figueiredo e Mello, que lia na alma do filho, agitada de ardentes sonhos, abrazada de irrequietas curiosidades, alimentava-lh'as referindo episodios da existencia do Murillo, Raphael, Miguel Angelo e Ticiano.

Conversavam á noite, depois de recolhida a familia, assentados á porta e inundados pela doce claridade do luar. A criança, silenciosa e attenta, cravava os olhos no ceu e scismava...

Quem sabe se a visão da Fornarina adejaria em torno da cabeça do juvenil artista?...

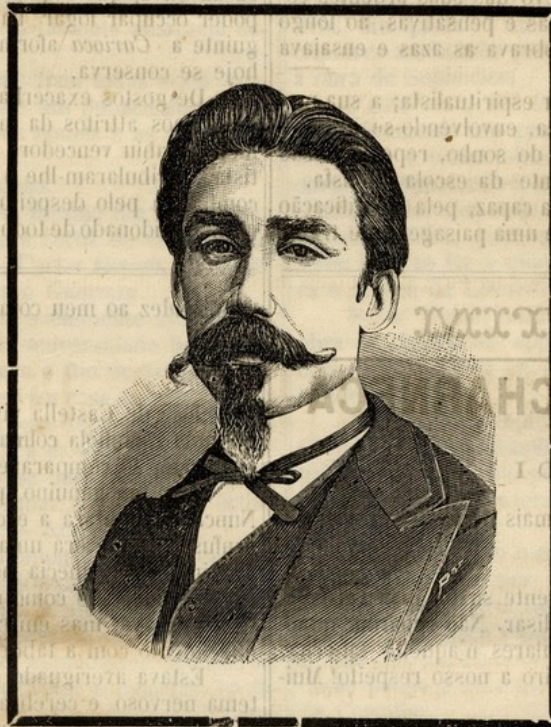
O acaso levou a Parahyba o naturalista francez, Luiz Jacques Brunet. Foi no album d'elle que Pedro Americo admirou pela primeira vez *uma cabeça de Jesus* de Paulo Delaroché, uma *Suzana* de Diaz e umas caricaturas de Cham. O francez, encantado com a vivacidade entusiasta da criança, propoz levá-la e inicial-a nas suas explorações scientificas. A commissão exploradora atravessou toda a provincia da Parahyba do Norte e parte de Pernambuco, tocando no Ceará e Rio Grande do Norte. A imaginação vibratil do pequenino artista recebeu uma forte impressão, transmittida pela uberrima natureza, revelando-se sob os seus variados aspectos, em toda a pujança do torrão americano. Nasceu d'essa orgia de tintas e fragancias, que inebriou o artista, o desejo inabalavel de partir para a cõrte e de matricular-se na Academia das Bellas Artes.

Contrariado pela opposição paterna, combatido por um sem numero de obstaculcs, Pedro Americo logrou triumphar e partiu afinal para o Rio, onde chegou no mez de setembro de 1854, sendo por ordem especial do imperador do Brazil hospedado no collegio de Pedro II. Desde então acompanhou-o sempre, mais ou menos, a protecção do imperador.

Pedro Americo cursou as aulas do latim, francez, historia, geographia, rhetorica, philosophia, etc.

«Fômos collegas n'essa epocha, escreve Luiz Guimarães Junior na biographia que dedicou ao eximio pintor, e eu d'ella me recordo com o amor e a branda e casta saudade que nos merece o melhor tempo da existencia.»

Na Academia das Bellas Artes, dirigida n'essa epocha pelo notavel poeta brasileiro, o sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, aguardavam o alumno os mais excepcionaes triumphos. Ao cabo de tres anno de estudo achava-se elle de



PEDRO AMERICO

posse de quinze medalhas de merito e uma menção honrosa.

A ambição, porém, do laureado alumno como diz o seu illustre biographo, á competencia do qual me estou soccorrendo, requeria mais amplos destinos e mais folgados horisontes.

Pedro Americo sollicitou licenca do imperador para ir á Europa, seguindo para o Havre no clipper *Commerce de Paris*. A sua primeira visita no Havre foi á casa de Bernardim de Saint-Pierre, o poeta do *Paulo e Virginia*, cujo romance a criança ouvira, extasiada, da boca de seu pai. No fim do anno de 1859 Pedro Americo entrou em Paris, matriculando-se, acto continuo na Academia de Bellas artes e na faculdade de sciencias da Sorbonne. Os seus professores de pintura foram o celebre Leon Coignet, autor da *Morte da filha do Tintureto*, Hypolito Flandrin e Horacio Vernet, cujos quadros absorveram á Franca sommas fabulosas.

O talento do juvenil pintor começou desprendendo-se dos liames que até então o manietavam.

A inspiração chrystalisou-se-lhe ao contacto d'essa intensa luz civilisadora, ao lado d'esses grandes artistas, que travando-lhe da palheta, anteriormente hesitante, o ensinavam a delinear, nos traços, vivamente coloridos, do *Rapto de Dejanira*, (copia do quadro de Guido Reni), a curva harmoniosa do seu destino.

A Renascença, opulenta de todos os prestigios, rica de todos os primores, fascinou Pedro Americo. Raphael Sanzio e Miguel Angelo tornaram-se o enlevo das suas ardentes cogitações, das contemplanções silenciosas e pensativas, ao longo das quaes a fantasia do pintor desdobrava as azas e ensaiava o vôo.

Pedro Americo revelou-se pintor espiritualista; a sua maneira, sempre ligeiramente abstracta, envolvendo-se, como o archanjo biblico, na vaporosa nuvem do sonho, repelliu desde as primeiras pinceladas o ascendente da escola realista.

O pintor brasileiro não é o artista capaz, pela identificação de um organismo e pela assimilação de uma paisagem, de trans-

mittir a forte impressão physica, sentimento da natureza o inseparavel das telas de Corot e Courbet.

Elle é pelo contrario o poeta que arrebatava o espirito suspenso das roupagens fluctuantes da sua musa ideal.

Depois de tres annos e meio de estudo, vividos em Paris, Londres e Bruxellas, Pedro Americo foi chamado ao Rio de Janeiro pelo imperador, deseioso que elle concorresse ao logar de professor de desenho da Academia de Bellas Artes, que obteve.

Antes de partir, e ambicionando depor nas mãos generosas do imperador um documento vivo dos seus progressos, Pedro Americo, que contava então 21 annos, compoz o quadro *Carioca*. A *Carioca* resalta da tela, palpitante de um vigor estranho; nas curvas voluptuosas do seu corpo serpentino sente se latejar a seiva impetuosa das mattas virgens; na sua bocca de um escarlate humido, como as petalas do cacto, rumoreja uma palavra e expira um beijo. . .

A *Carioca*, e mais tarde *A Batalha do Campo Grande* de Pedro Americo, correspondendo na pintura ao que equivale para a musica o *Guarany* de Carlos Gomes, constituem decerto as mais brilhantes glorias artisticas do Brazil.

A *Carioca*, exposta em Paris, despertou a attenção da critica; um inglez offereceu por ella quinze mil francos. O pintor recusou, continuando a destinal-a ao seu augusto protector. Antes, porém, de apresentar-se ao imperador, disse-lhe o fallecido mordomo da casa imperial, o sr. Paulo Barbosa da Silva, que o quadro era demasiadamente *licencioso* para poder occupar logar na galeria de S. M.!!! Foi por conseguinte a *Carioca* aformosear o *atelier* do pintor, onde ainda hoje se conserva.

Desgostos exacerbados pela aspera pobreza, intrigas forçadas nos attritos da inveja, dolorosas luctas de que mais ou menos sabiu vencedora a constancia indomavel do grande artista, attribularam-lhe a existencia. A protecção do imperador, combatida pelo despeito dos preteridos, f. aquejou. Pedro Americo, abandonado de todo e qualquer auxilio, partiu pela segunda

com avidez ao meu companheiro de viagem a sua historia tetrica.

José de Castella vivia em plena charneca; tinha por abrigo uma casinhola colmada, como outras que se topam por esta região, só comparavel á cubata de um Pelle-Vermelha.

Era um genuíno producto do meio em que se creara. Nunca frequentara a eschola; tinha apenas uma noção vaga e confusa do que era uma aula: d'aquella que estanciava mais proximo não conhecia ao certo a sede, tão distanciada lhe ficava do domicilio como do pensamento, se é que José de Castella pensava; mas em compensação tinha travado intimo conhecimento com a taberna.

Estava averiguado que o Castella era dotado de um systema nervoso e cerebral, como qualquer outro animal; era certo haver no seu cerebro uma elaboração latente e automotica, uma actividade expontanea, assimiladora das impressões do mundo externo: entra se, porém, em duvida se alguma vez teve uma intuição nitida e consciente da sua actividade mental. Que houvesse um espirito na cavidade craneana de José de Castella seria arrojo contestar-se, mas o que seguramente lhe negaria um physiologista do espirito era— a consciencia.

Elle vegetava como um producto damninho da natureza aspera e inculta que era o seu meio, rude e montesinho como os espinheiros e as estevas em que, trabalhador ou caçador, se roçava quotidianamente. Nas epochas em que effervescia o labor agricola, transpunha as raias do matagal e assoldadava-se nas convisinhanças: transportado então a uma região mais culta associava-se aos ranchos da cava da vinha e do varejo da azeitona.

JULIO LOURENÇO PINTO.

(Continua).

FOLHETIM

UM CRIME NA CHARNECA

CAPITULO I

Tinha repetido esta operação mais de uma vez e estranhei-lhe a preocupação.

—Assusta-o alguma cousa?

—Susto. . . isto não é exactamente susto; mas verdade, verdade, o silio não é para tranquillisar. Não reparou, quando paramos atraz, que caras patibulares n'aquella taberna? Pois foram fazer perguntas ao cocheiro a nosso respeito! Muito má gente a d'aquelle logar. . .

—Ha perigo então em viajar por estes sitios? Rouba-se e mata-se gente?

—Agora nada tem constado, de dia pelo menos, mas como nos vae anoutecer no caminho. . . D'antes os ciganos não faziam cerimonia em assaltar, roubar ou até assassinar por estas paragens, onde é raro folego vivo.

E o meu companheiro, impressionado pelas tradições da erma planicie que atravessamos, narrava-me casos tetricos.

—Ainda não ha muito tempo appareceu um homem morto na charneca. Esteve dias insepulto sem as autoridades apparecerem para levantar corpo de delicto. A justiça é isto n'estas paragens, onde as sedes de comarca ficam no fim do mundo.

E em voz soturna acrescentava:

—Exactamente por estes sitios ou mais adiante, está a fazer um anno, commetteu-se um crime horrivel, o mais horrivel de que ha memoria muitas leguas em redondo.

Para attenuar o aborrecimento e fadiga da jornada pedi

vez para a Europa a expensas suas, acantodo entre os passageiros da prôa! «Nunca me esquecerei d'essa viagem, escreve o artista, que maneja habilmente a penna. Lagrimas choradas n'aquellas noites expostas ao ar e ao relento, ainda borbulham no meu coração amargurado pela memoria atroz.»

Oh! Chatterton, serás tu o eterno symbolo do talento?..

Pedro Americo, como já se disse, é tambem escriptor. Além de uma vigorosa replica, ainda inedita, a proposito das theorias de Renan, que lhe valeu a commenda do Santo Sepulchro, o illustre pintor publicou, entrè outros trabalhos, os estudos sobre a historia da arte. Foi em Paris, berço aureo dos sonhos do artista, que o infortunio lhe distillou nos labios o fel amargo da ultima provação. Abandonado de todos os recursos, Pedro Americo, o protegido do imperador, o professor de desenho da Eschola de Bellas Artes, o bacharel formado na Sorbonne, o glorioso pintor, viu-se obrigado a vender as suas medalhas, sendo, para maior affronta, preso, em virtude de suspeitar o comprador que ellas houvessem sido roubadas!

No futuro, porém, alvorecia a bonança que succede aos sombrios dias da procella.

A universidade belga conferiu-lhe em junho de 1868 o honroso diploma de doutor em sciencias naturaes. Pedro Americo escreveu n'essa occasião uma eloquente these, refutando o positivismo de Comte, o empirismo de Bacon, o criticismo de Kant e o physiologismo de Cabanis e levou o seu trabalho á presença da faculdade das sciencias.

Na Belgica operava-se então a grande evolução dos espiritos, agitados entre as fortes correntes positivistas da philosophia moderna e a metaphysica exageradamente abstracta dos idealistas.

Na obra de Pedro Americo reflectiam todas essas cambiantes. Leu elle a sua these perante um publico numeroso, onde se agrupavam os mais illustres nomes e as mais altas capacidades scientificas.

O triumpho foi completo e ruidoso.

Estranha coincidência! Quasi no mesmo dia e á mesma hora em que Pedro Americo cingia a corôa de vencedor no pleito academico, cahiam aos pés de Carlos Gomes as grinaldas que a Italia colhera para enflorar o *Guarany*.

Pungido pela saudade da patria, o eminente artista despediu-se com lagrimas de gratidão da universidade belga, que lhe fora mãe carinhosa, e seguiu para o Rio de Janeiro.

Passando por Lisboa, hospedou-se em casa do seu dedicado amigo, o sr. Porto Alegre, casando pouco depois com a filha do poeta. Decorrido um mez, em seguida a essa ditosa união, que refflorira de esperanças o coração do feliz noivo, partiram ambos para o Rio, indo Pedro Americo occupar a cadeira de esthetica e archeologia da eschola de Bellas Artes.

A vibora da calunnia, que intentou de novo mordel-o, não abateu a coragem do laborioso trabalhador. O quadro *A batalha do Campo Grande*, uma bella e grandiosa pagina da historia brasileira, onde se desfreadam ao sopro heroico da peleja as bandeiras paraguayas e os estandartes brasileiros, por entre florestas rutilantes de baionetas e espadas, na fumarada densa da polvora, entre os projectis da metralha que expluem prostrando centenas de homens, acabou de confirmar a gloriosa reputação do grande pintor brasileiro.

Pedro Americo reside actualmente em Florença, onde soffre ha muito uma pertinaz ophtalmia. O seu ultimo quadro, a esplendida *Igmez de Castro*, foi adquirido por um rico banqueiro russo.

O governo brasileiro conferiu-lhe ha dois annos, em seguida á exposição do brilhante quadro. *A batalha de Avahy*, a ordem da Rosa. Esse admiravel quadro obteve em Florença, onde esteve exposto, um exito prodigioso, alcançando, entre outras distincções, fixar a attenção de Charles Blanc e Paul de Saint-Victor, que passavam então por Florença.

No dia 11 de julho do corrente anno a academia allemã, que tem a sua séde em Roma, offereceu ao grande pintor brasileiro um brilhantissimo sarau, cujo principal objectivo foi a inauguração do busto, em marmore, do auctor da *Batalha de Avahy*.

Esperavam Pedro Americo na estação do caminho de ferro em Roma, onde elle foi expressamente, mais de 100 alumnos de diversas academias, que lhe entregaram um pergaminho escripto em latim, mensagem dos professores de Munich.

A academia allemã reuniram-se a hespanhola e americana, de Napoles e Alexandria, animadas pelo pensamento unanime de celebrarem a gloria do artista brasileiro.

No dia 15 de julho offereceram-lhe um opulento album, contendo oitenta retratos, incluindo o de Emilio Castelar.

Levar-me-hia longe a analyse de todos os complexos aspectos d'esta originalissima individualidade, tão ricamente dotada. Detenho-me aqui.

A phisionomia de Pedro Americo, serenamente confiante, onde brilha a tranquillidade dos fortes e a luz dos predestinados, substitue eloquentemente tudo que eu podesse accrescentar.

GUIOMAR TORREZÃO.

THEATROS DE PARIS

A comedia franceza, aonde hontem fui, tinha enchente completa. Representava-se o *Rei OEdipo* de Sophocles, a propria tragedia grega nas suas formas singelas e primitivas, posta em verso francez por Julio Lacroix.

As tentativas para fazer acceitar esta obra theatral pelo publico, falharam em varias épocas e falharam por varios motivos, dos quaes o menos insignificante seria o de varios escriptores mediocres pretenderem corrigir, deshumanisando-a, a obra de Sophocles.

D'esta vez o *Rei OEdipo* acaba de triumphar. Lacroix não é positivamente um genio, mas é um consciencioso que poz o seu saber e o seu talento de interpretação ao serviço d'aquella obra, transportando-a cuidadosamente para a scena, com todo o resguardo, com todo o carinho, para que não se quebrassem nenhuma linha, para que não se amolgasse nenhuma aresta, como hoje se faz a qualquer monumento Assyrio adquirido para o museu do Louvre.

Posta assim, nitidamente, na primeira scena franceza, a obra de Sophocles apparece-nos em toda a belleza dos seus contornos, despida de formas mythicas, humanisada: comprehendese.

Nada mais simples e mais terrivel na sua simplicidade. OEdipo é feliz, triumphante, o grande rei vencedor da Sphinge! Mas um oraculo prediz-lhe que para Thebas se livrar da peste é preciso exterminar o assassinio de Laius, o rei seu predecessor.

Por outro lado o oraculo já havia prophetisado que Laius seria assassinado por seu proprio filho e que este esposaria Jocasta, sua propria mãe.

Jocasta, para esconjurar o vaticinio, tem mandado matar o filho que um dia dêra á luz; mas o pastor encarregado da execução poupa a vida da creança e vae entregal-a a Polybo rei de Corintho.

OEdipo, dominado pela revelação do oraculo, procura o assassino de Laius e descobre que elle mesmo um dia, á noite, na encruzilhada de um caminho, tem morto o infeliz rei!

No meio do seu desespero resta-lhe porém uma consolação: Laius, como o oraculo predissera, não foi morto pelo seu proprio filho. O vaticinio está desmentido.

Chega porém o velho pastor, outr'ora encarregado de sacrificar o filho de Jocasta e revela a triste verdade. OEdipo é exactamente essa creança a quem elle por piedade poupou a vida. OEdipo é o assassino de seu pae; esposando a viuva de Laius esposou a sua propria mãe. O vaticinio está realisado.

N'este transe o grande rei corre ao quarto de Jocasta e vê que ella tem acabado de se matar por suas mãos. Para não ver tantos horrores, para que nunca mais possa ver a luz do dia, arranca os olhos.

E' n'este momento que Mounet-Sully, que até então não

passou d'um OEdipo impetuoso, mas sem verdadeiras qualidades tragicas, se revela um actor de talento.

A despedida lancinante, quando elle cego abraça os filhos e parte, abandonado para o deserto, amparado ao hombro de um pobre escravo, e feita com um grande relevo dramatico. A interpretação do personagem é digna da primeira scena franceza.

O *Rei OEdipo* merece ver-se, ao menos como mostra da arte antiga, e o exemplo scenico da arte moderna.

Ali temos os coros desempenhando o papel que tinham na tragedia grega; no fim de cada acto a estrophe e anthistrophe, acompanhadas por uma orchestra invisivel para a qual Membrée escreveu uma musica de um grande caracter.

As duas jovens thebanas que recitam são Mlles. Martin e Rosamond: dizem as suas estrophes com uma grande expressão, marcando o rhythmico musical dos côros occultos. São bellas.

Mme Leron, que faz o papel de Jocasta, a infeliz rainha, é uma d'estas damas de voz mal timbrada que a comedia franceza, destina sempre ao genero tragico, no intento de o tornar mais horrivel, creio. Satisfaz perfeitamente esse intento madame Leron.

O *mise-en-scene* apresenta-se com todo o rigor historico. As jovens thebanas quando oram levantam vagarosamente os braços hirtos para o ceu, depois curvam a fronte até ao chão. Todo o ritual da epoca é perfeitamente observado, sendo a propria dureza dos sacrificios igualada pela dureza dos versos de Lacroix!

Emfim, o *Rei OEdipo* levando n'esta quadra solitaria tantas enchentes successivas á Comedia Franceza, mais nos faz convencer de que a solidão parisiense não é tão grande como muitos dizem.

A proposito de theatro, a condecoração da Legião de Honra conferida a Got encheu de orgulho o mundo dos bastidores. Entretanto elle não tem muito de que. A propria Republica não teve ainda coragem de romper com um prejuizo inveterado. Got, bem no fundo foi condecorado por ser um grande mestre da arte dramatica.

Assim o pensa o sr. Julio Grevy que assignou o decreto, e o ministro que o refenderou, e o sub-secretario de estado que fez entrega do diploma ao agraciado. Mas o decreto teve vergonha de o confessar e declarou terminantemente que o sr. Got era agraciado pelos serviços prestados como professor do conservatorio e da escola normal. Assim os poderes publicos insinuam que a arte dramatica é uma ignominia!

Alphonse Karr, combatendo com «verve», mas sem razão, as condecorações aos actores, dizia, ainda não ha muito, que não era admissivel poder dizer-se que o actor fulano, *caralheiro da Legião de Honra*, tinha dado em scena cambalhotas de fazer rebentar o publico, a rir.

Ora, Mustaphá-Pachá ainda ha poucos dias sahiu de Paris condecorado com a grã-cruz da Legião de Honra, a suprema dignidade que ainda não foi concedida ao proprio Victor Hugo. Mustaphá-Pachá, toda a gente o sabe, é um ex-cosinheiro do Bey de Tunis.

Antigamente dirigia-lhe os molhos, hoje dirige-lhe a politica exterior; mas dados os caprichos da politica tunesina, quem sabe se este Grã Cruz não voltará amanhã ás suas funcções primitivas, indo por exemplo pôr uma casa de pasto na Gouletta, tão frequentada hoje pelas legiões francezas?...

Em Tunis vae estabelecer-se um theatro pelo modelo das *Folies Bergère*, util instituição com que um empregario parisiense conta captivar mais depressa as boas graças das populações musulmanas do que nunca o poderá fazer o general Logerot com as suas columnas. Quem sabe se Mustaphá-Pachá, Grã-Cruz da Legião de Honra, não tocará ainda tambor n'esse estabelecimento, de cocoras no meio da casa, entre uma troupe de selvagens seus compatriotas?...

O que dirá a este caso Alphonse Karr?...

GUILHERME DE AZEVEDO.

ATRAVEL DO BINOCULO

Theatro da Trindade

A Mascotte

Transcrevemos do *Diario Illustrado*:

Brilhante peça, uma d'estas peças que fazem barulho pelo caminho, antes de chegarem ao palco, como as ruidosas e opulentas cavalgadas que precediam na idade media a apparição dos barões feudaes!

O *Diario Illustrado* difficilmente aguentaria a profusão de aventuras excepcionaes, de casos divertidos, de episodios comicos que se tem entrelaçado, como uma bella florescencia tropical, exuberante de cactos gigantescos, de um escarlate hilariante, em torno d'esta extraordinaria *Mascotte*.

Este desabrochamento fantastico, torrentuoso, indescriptivel, tem-se effectuado ao som dos clarins triumphaes do successo, ao resoar estrepitoso das mais ardentes e das mais doidas ovações.

Resumamos.

Antes da *Mascotte* apparecer em Paris, espalhou-se nos *boulevards*, bordada pela *blague* parisiense, uma legenda singular acerca do pae canoro d'essa *avis rara*.

Diziam-se de Audran cousas estupendas. Contava-se que elle era o homem das prodigiosas felicidades, o feiticeiro que possuia nas suas mãos bemfadas o talisman do successo.

Theatro por onde passasse este ditoso, camaroteiro onde elle fixasse o seu estranho olhar, vibrava, dilatando-se nos jubilos das receitas copiosas, onde o oiro affluia em jorros, como nas grutas mysteriosas, habitadas pelos genios e alumias da magia lampada de Aladim.

O maestro que possuia o segredo de *jeter le sort*, a sorte ditosa, a sorte invejavel, aquella atraz da qual em vão corre uma grande parte da humanidade, tinha forçosamente de escolher para assumpto da sua opera comica a *Mascotte*.

A *Mascotte*—como explicar isto aos leitores?—é a protagonista ideal de uma poetica ficção bretã.

As *Mascottes* são, como os deuses penates dos antigos, como os anjos da guarda dos modernos, as fadas benignas do lar, as intermediarias das dadas celestes. A sua presença afugenta a doença, a pobreza, o *mau olhado*, o enguicho. Ao seu contacto os pomares vergam carregados de fructos deliciosos, as searas cobrem-se de loiras espigas, as dornas enchem-se de vinho espumante, os rebanhos multiplicam-se, a burra incha, o leite afflue torrentuoso nos uberes das vaccas e os corações exultam.

A *Mascotte* chora no ventre materno, porque aquelle prodigioso dom é de nascença, como refere um dos personagens da opera comica.

Mas como n'este mundo a felicidade se paga por bom preço, o maganão do destino exige á *Mascotte* a castidade intemerata da pudibunda açucena. Se, por fatalidade, a açucena, digo a *Mascotte*, soffrer uma belliscadura, leve embora e fóra da alçada do codigo penal, se ella deixar de poder envolver-se no veu branco da *rosière*, perderá n'esse momento, como Samsão perdeu quanto a traidora Dalila o tosqueou, a sua poderosa influencia salutar, o seu mirifico condão de fazer feliz o proximo, condão que só ella, a ditosa-desgraçada, não aproveita!...

Entre os episodios, a que já alludi, occorridos a proposito da celebre opera comica, o mais divertido de certo é o do Rio de Janeiro.

A censura previa, instituição anachronica, fóra de todas as leis modernas e alheia ás mais elementares noções do gosto e da arte, que ainda funciona no Brazil, com geral aprazimento, supponho eu, dos senhores de roça, que a saboreiam á sobremesa, entre a banana e o côco, atirou se desalmadamente á *Mascotte*, cantada em francez, e mutilou-a nas suas

mãos barbaras, deixando incolumes as scenas mais perigosas e cortando as menos susceptiveis de accenderem o rubor na cutis morena das sinhas.

A *Gazeta de Noticias*, orgão moderno da imprensa fluminense, ergueu-se indignada, pegou nos periodos cortados e, antes da *Mascotte* subir á scena, publicou-os.

O publico achou-lhes graça e riu. Os actores, fortes da disposição da plateia e do braço dos jornalistas, engasgaram-se, esqueceram no momento critico as substituições e pozeram os pontos nos ii, cantando os couplets e declamando as phrases, tragadas pelas mandibulas gulosas do conservatorio. Este conflicto, que interrompeu por espaço de duas ou tres noites as representações da opera comica de Audran, conferiu-lhe em compensação uma grande voga, um extraordinario prestigio, que ainda hoje subsiste, succedendo-se as enchentes na Phenix, que enriquece actualmente á custa da feliz *Mascotte*.

Em Lisboa, a *Mascotte*, depois de obter um exito de expectativa, palpitante de interrogações e ardente de curiosidades, alcançou no theatro da Trindade, onde subiu á scena pela primeira vez em beneficio da illustre actriz Florinda, um successo ruidoso e brilhantissimo.

A musica da nova opera comica é esplendida, o scenario, especialmente no primeiro e ultimo acto, encantador, o vestuario deslumbrante, o desempenho admiravel!

Eu peço ao meu caro e apreciavel leitor que não tome á conta de feticismo theatral os adjectivos que atiro n'este momento, como um bouquet de violetas orvalhadas, ao regaço da *Mascotte*, offerecendo-o em primeiro logar á actriz Florinda, a quem por todos os motivos cabem as primicias da noite e as honras do desempenho.

Escrevo sob as impressões de uma primeira audição e com a rapidez imposta á factura de um artigo que os compositores solicitam e os impressores aguardam.

Espero, por conseguinte, que me serão relevadas as lacunas, que preencheréi mais tarde, e os lapsos que emendarei depois.

A partitura da *Mascotte* brilha, especialmente, pela espontaneidade, delicada e facil, onde predomina, accentuando-se a cada passo e librando-se sempre em revoadas matinaes de aves palmeiras, chilreando embuscadas entre as folhagens reverdecidas, o sentimento campestre. Os trilos das flautas, trazendo-nos a miragem das frescas pradarias, esmaltadas pelo luar, onde resoam, ao cahir da tarde, as vozes melodiosas das ceifeiras, em quanto pelo desfiladeiro da montanha o pastor caminha, fitando as estrellas e scismando nas raparigas da aldeia, põem n'essa musica formosissima, scintillante por vezes como um fulvo relampago carregado de electricidade, effervescente como um copo de Champagne, umas tintas ligeiramente melancolicas, que se esfumam, finamente diluidas, no plano inferior, emprestando maior realce aos trechos dominantes.

Entre esses, distinguem-se os deliciosos couplets do primeiro acto, cantados pela actriz Florinda (*Mascotte*), Augusto e coro; o concertante do primeiro acto, por Florinda, Esther, Leoni, Queiroz e Ribeiro, de uma notavel originalidade, a que se póde chamar o *coro dos lenços*; o dueto, verdadeiramente encantador, de Florinda e Augusto, *glu g'u*, e os couplets da princeza, tambem no primeiro acto.

No 2.º acto brilham, entre outros, que se entrelaçam, como uma delicada renda, bordada de arabescos de todos os matizes, os couplets: *Eu André*.

No terceiro acto, que é talvez o menos valente, especialmente como concepção musical, destaca um trecho de musica, de um *élan* audacioso e fóra do commum, a que a voz extensa e opulentamente modulada da actriz Esther deu uma execução primorosa.

Arranco á folha da minha carteira, onde os transcrevi, parte d'ess-s originalissimos couplets:

De Piombino onde no paço
Tinha a sua habitação
O macaco, oh! ceus, que passo!
Fugiu a passo de cão.

Esse bicho espantadiço
Fama tem de ser feroz,
Os indigenas por isso
Chegam só com medo atroz.

P'ra rua não vae,
Não, ai, não!
Quando solto o macacão
Simão.

Chivot e Duru, auctores do poema, adquiriram na excellente traducção de Eduardo Garrido uns facetados, iriantes de espirito, sem os quaes, mesmo os diamantes, correm ás vezes o risco de se confundirem com o vidro commum.

Florinda tem no personagem de *Mascotte*, quer como actriz, quer como cantora, uma das suas mais completas e mais felizes creações. Claramente lh'o disseram os applausos entusiasticos do publico, victoriando na distincta actriz, uma das mais notaveis no seu genero, não só as conquistas do passado, como os triumphos do presente.

Esther, incumbida do papel da princeza, rival da *Mascotte*, uma excentrica princeza adoradora, como uma grega do seculo de Pericles, da plastica, mas adoradora até ao extremo das adorações hetairicas, extasiando-se diante dos carreiros musculosos e robustos, que devoram seis pratos de grãos com espinafres, comprehendeu admiravelmente essa figura extravagante, meia bohemia, meia aristocrata, que compromette um pouco os brazões do sr. seu pae, o principe Simão XL, jogando as cristas com sopeiras, embora a sopeira seja uma *Mascotte*.

Esther diz com superior correcção, dando á phrase o picante indispensavel na opera comica: depois de ser uma das primeiras actrices, é ella incontestavelmente uma das melhores cantoras de opera comica que tem desaprochado, como flores raras, no ambiente dos nossos palcos, evidentemente ingratos á acclimação das larynges.

A musica da *Mascotte*, primorosamente executada, foi para Esther um novo triumpho.

Leoni fez do personagem de Simão XL uma individualidade engraçadissima, estudada com o talento superior e a naturalidade inexcedivel que assignala todas as creações d'este grande caracteristico.

Augusto, o ditoso, amado pela *Mascotte* e namorado pela princeza, cantou esplendidamente e disse com muita graça o seu papel, ligeiramente *bête*.

Queiroz arrancou da penumbra, onde os auctores o deixaram, o seu personagem, trouxe-o para a primeira plana, deu-lhe todos os recursos do seu merito de artista superior, e converteu-o em um dos primeiros. Ribeiro fez do papel do principe uma *charge*, que a platéa cobriu de gargalhadas.

Na musica, irreprensivelmente afinada, nota-se a alta competencia de Rogel.

O guarda-roupa, de Cohen, é uma orgia de sedas e veludos, uma visão do paraíso de Mahomet, resplandecente de todas as finas elegancias modernas. Destacam, entre todos, os tres lindissimos *costumes* da actriz Esther.

Na disposição dos grupos resalta a habilidade consummada de Leoni.

Em resumo, a *Mascotte* é um dos mais extraordinarios successos da Trindade e uma das operas comicas mais bonitas que tem subido á scena em Lisboa.

GABRIEL CALDIO.

SOIRÉES EM MADRID

As harmonias do visinho concerto do *Buen Retiro*, estão convidando a que penetremos alegremente nos seus decantados jardins, a Capua da alta sociedade madrilena.

Este delicioso retiro, que, segundo as chronicas do tempo, passava por uma maravilha, foi fundado no reinado cavalheiresco de Philippe III, o qual debaixo da inspiração do seu mi-

nistro favorito, conde duque de Olivares, quiz ostentar na ex-real propriedade o gosto e a magnificencia de um grande monarcha.

Durante o reinado do seu fundador, o *Buen Retiro*, offerecia um aspecto tão grandioso que era quasi impossivel descrevel-o. Formosissimas e extensas alamedas, cobertas de frondosas arvores, cheirosos jardins, regios palacios, templos sumptuosos, theatros, quartéis, n'uma palavra, foi uma cidade encantada, uma especie da famosa villa Adriano em Tivoli, no tempo dos Cesares romanos.

O real sitio continuou em voga, até que Philippe V, querendo construir um Versalhes em Hespanha, deu a preferencia aos amenos jardins da Granja. Desde essa epocha foi pouco a pouco decahindo de moda, até que as barbaras hostes de Napoleão, se encarregaram de o destruir completamente.

Mais tarde, no reinado de Fernando VII, gastaram-se credidas sommas para restituir á capital da monarchia um dos seus primeiros sitios de recreio, logrando em poucos annos volvel-o; senão ao seu primitivo estado, ao menos aos deliciosos jardins que hoje vemos.

O concerto do *Buen Retiro* é o *rendez-vous* nocturno do que ha de mais fino, rico e elegante em Madrid. A custosa mantilha andaluza, fazendo uma concorrencia atroz ao puro chapéu parisiense; as sedas japonezas fabricadas em Lyon, os tecidos de Catalunha, as rendas de Bruxellas, os leques de Vienna e de Valencia, os setins pretos guarnecidos de rozas, enfim todos os indispensaveis accessorios que encobrem artisticamente a belleza natural do sexo fragil, aqui apparecem sob a rigorosa forma da ultima moda. O luxo das mulheres madrilenas que frequentam este concerto, faria gelar o sangue nas veias a varios ricos capitalistas lusitanos.

Aproximemo-nos pois do coreto rustico, aonde está a numerosa orchestra, e ouçamos a irreprehensivel execução dirigida pelo maestro Chassi, auctor de uma bem conceituada *Phan-thasia Arabe*.

É difficil encontrar uma cadeira n'estas visinhanças, tal é a multidão aristocratica que ahí se agglomera, uma verdadeira barricada *fashionables* que não destoariam no Hyde Park, artisticas filas de mulheres elegantes e bem perfumadas, sentadas de modos diversos, bem estudados e de uma *nonchalance* encantadora. A arte de bem vestir e apresentar-se attingiu o seu maior grau de perfeição n'esta terra, de Castella; dir-se-hia que os madrilenos, ao levantar da cama, recordam-se dos comicos agradecimentos que Sedaine dirigiu á sua casaca preta.

(Segue).

MANLIUS.

CARTEIRA DE UM PHANTASISTA

Madrugada na roça

Dentro da sombra matinal os campos
Riem-se ao fresco pranto da alvorada,
Sobre a planicie verde e rociada
Vôa o bando dos tardos pyrilampos.

O arrieiro, tonto da preguiça,
Desperta apenas: — ao bulir dos mattos
Vem misturar-se o echo das cascatas,
E os lentos dobres da primeira missa.

Sob o véo orvalhado os olhos d'ella
Riem fitando os meus: — ao divisal-os,
Cuido que Deus perdeu mais de uma estrella.

Rincham pulando os nossos dois cavallos,
E atravez da manhã cheirosa e bella,
Ouve-se o canto festival dos gallos.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

RUMORES DOS PALCOS

Uma das peças escolhidas para subirem á scena em D. Maria é a tragedia de Shakspeare, *Othello*. Vae em beneficio do actor Brazão.

Representa-se brevemente no theatro de D. Maria a comedia em um acto a *Chrisalida*. É imitada do italiano.

A graciosa actriz Esther faz beneficio com a espirituosa comedia *La femme à papa*.

Vae entrar em ensaios no theatro de D. Maria a *Princesa de Bagdad*, que deve subir á scena em a noute da festa artistica de Carolina Falco.

Eis a distribuição do drama:

Lionette	Falco.
João de Hun	Brazão.
Naurvady	Augusto Rosa.
Richard	Augusto Antunes.
Trêvele	B. Machado.
Godier	Costa.

Guilherme de Azevedo e Eduardo Garrido traduziram a *Nana* de Busnach, que se representará no Rio de Janeiro.

Sobem á scena na presente epocha na Trindade as seguintes operas comicas *Dragões de Villars*, *Filha do Tambor-mór*, de Offenbach e *Moulin du vert galant*.

Augusto Rosa faz beneficio com o drama *L'ami des femmes*, de Dumas.

Parece que subirá á scena no theatro de D. Maria, para a festa artistica de Pinto de Campos, um drama original do sr. Francisco de Almeida, intitulado *Virginia*.

Rosa Damasceno faz beneficio com a comedia de Paillaron, *Le monde ou l'on s'ennui*, traduzida por Gervasio Lobato.

CARTEIRA DE PRUDHOMME

X*** visita acompanhado de um credor, uma exposição canina. Admiravam juntos os *tó-tós*, quando repentinamente o credor começa a torcer-se, queixando-se de que apanhou uma pulga.

X*** com bonhomia:

— Que quer? É que a pulga mudou de cão!

Dóses homoeopáticas de philosophia:

A riqueza é um vinho que nos altera: quanto mais se bebe mais sede se tem.

A' medida que diminuem os cuidados da vida, augmentam os da morte.

Ainda bem o homem não aprendeu a viver e já tem de morrer.

As illusões podem-se definir — esperanças em prospectos.

Perguntam a Prudhomme:

— Quantos filhos tem?

— Quatro: um casal de homens e um casal de mulheres.

No hotel:

— Rapaz, vê este fio de cabelo sobre estas ervilhas!

O criado, depois de inclinar-se sobre o prato:

— Não tem duvida, é um cabelo branco!...

— E então?!

— O sr. não respeita os cabelos brancos?...

A mulher de Prudhomme, que viu um dosimetrista receber granulos a um enfermo de diabetes:

— Que desgraça! elle cahiu doente e o medico que o viu ver recebeu lhe uns grãos nulos, porque, disse, que elle tinha um diabo ethico!

Prudhomme contempla o tio, com um longo olhar, enternecido e triste.

— Porque me olhas assim? perguntou o tio.

— Estava a fazer uma triste reflexão: quando eu tiver sessenta annos, continuarei a ser seu sobrinho...

— Sem duvida! E depois?

— Mas o senhor ha muito tempo que já não será meu tio!

Grito do estomago:

Um republicano glutão, que gosta muito de doces, exclamou ha dias em um jantar:

— Quanto a mim, só saú lo uma realeza... uma unica! a realeza da rainha Claudia!

BIBLIOGRAPHIA

Vae sair a publico um livro do sr. A. P. Saraiva, intitulado *Musa quotidiana*. O auctor reside em Londres, onde escreveu o seu livro. A edição da *Musa quotidiana* pertence á redacção do *Pombalense*.

Eduardo Garrido projecta uma edição, perfeitamente excepcional, que vae ser a *great attraction* do novo mundo das letras. Trata se das fabulas de Lafontaine, o delicioso poeta moralista e humoristico, a que madame de Sevigné consagrou um formosissimo pe iodo nas suas eloquentes cartas inimitaveis. As fabulas serão trasladadas a portuguez pelos nossos mais festejados poetas e publicadas em edição luxuosa, enriquecida de magnificas illustrações. Vão ser distribuidos os prospectos d'esse interessantissimo livro, para o qual convergem de antemão todas as atenções.

Recebemos o n.º 1 de *L'echo*, brilhante semanario parisiense.

Recebemos o *Album Calderoniano*, excellente publicação hespanhola, collaborada pelos principaes escriptores de Portugal e Hespanha, destinada á solemnisacção do centenario de Calderon. São seus editores os srs. Gaspar, estabelecidos em Madrid.

O distincto poeta Augusto de Forte Gatto vae publicar um livro de versos.

A rainha de Inglaterra revê em Balmoral as ultimas provas do seu novo livro, dedicado á familia, que trata do casamento e da educação dos filhos.

Uma das ultimas obras da real escriptora *Meditações sobre a morte*, teve uma extracção superior a doze mil exemplares e só de direitos de author recebeu a rainha, pela traducção franceza, 80:000 francos.

SEGREDOS DO TOUCADOR

Agua hygienica para a pelle

Esta agua limpa perfeitamente a pelle, branqueia-a, e impede as rugas. Para se obter faz-se o seguinte: juntam-se 190 grammas de pão de centeio quente, quatro claras de ovos frescos, um litro de bom vinagre branco, mexe-se tudo e passa-se depois por um panno fino.

ANTONIO DE LISBOA.

ALBUM ENIGMATICO

LOGOGRIPO—HISTORIA

(Premiado com um volume dos «Contos sem nome».)

Atenção! Era uma vez

Um sujeito

Chamado duas e tres:

Alto cargo exercia,

Em que sempre

Duas e prima vestia:

Empregava as horas vagas

Numa e tres,

Fazendo mortes e chagas:

Mas um dia foi achado

Sem o todo

Por causa d'ellas: coitado!

Lisboa, 1881.

ANDRÉ DO QUENTAL.

Explicação da charada publicada no numero anterior:—**PAULATINAMENTE.**

O premio foi entregue ao exm.^{ma} sr.^a Elisa Basto.

Publicar-se hão as charadas que forem remetidas ao sr. Matheus Peres, Cuba.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes das provincias, que se achem em débito, pedimos o favor de satisfazerem a importancia das suas assignaturas. Esperamos que nos será relevada a demora d'este numero, devida a mudança de typographia.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

Illustrado com os retratos dos principaes homens de Portugal e Brazil e de grande numero de notabilidades europeas

Gravuras de monumentos, obras de arte nacionaes e todas as illustrações indispensaveis para esclarecimento do texto

Desenhos e gravuras dos melhores artistas

Um dictionario encyclopedico, destinado a satisfazer todas as inexgotaveis exigencias de um povo que pretende instruir-se, delineado por um vasto plano colossal e tendo de occupar-se na sua larga esphera elucidativa de todos os complexos ramos do saber humano, nas sciencias, nas letras, nas artes, tomando por ponto de partida as origens ethnicas, e acompanhando-os na sua evoluçao biologica até ao mais adiantado marco da historia, desde os mais arduos até aos mais simples problemas scientificos, um dictionario d'esta ordem tem sido a maxima preocupação de todas as nações cultas.

A França, a Inglaterra, a Allemanha, a Italia, e a Hespanha, tem os seus importantes Dictionarios-encyclopedicos; faltava, porém, a Portugal um dictionario, susceptivel de satisfazer todas as ardentes curiosidades de saber que cada vez mais se accentuam em nossos dias, e que illuminasse ao mesmo tempo a penumbra prehistorica onde existem amalgamados os fosseis dos dialectos e das raças extinctas, que o estudioso de balde procura tantas vezes, e cuja incerta procedencia e deficiente investigação constituem o desespero do erudito.

Esta lacuna insubstituivel, a necessidade de consultar um Dictionario para cada uma das especialidades technicas que o leitor desejasse tirar a limpo, obrigando-o a munir-se de duzias de Dictionarios, suggeriu-nos o plano colossal de dotarmos o nosso paiz de uma obra construida sobre bases solidas, destinada, por sua natureza, a subsistir de futuro como um monumento na lingua de Camões. Semilhante tentativa, porém, especialmente em relação a uma população pouco numerosa e relativamente atrasada, demandava grandes sacrificios pecuniarios.

Nem por isso desistimos. Animados de uma força de vontade inabalavel, abalançámo-nos a dar á publico o

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

tendo a consciencia que elle ha de ser o mais completo, o mais variado e o mais encyclopedico de todos os dictionarios que existem em Portugal.

Todas as litteraturas e todos os idiomas incluindo o indiano, hebraico, latino, grego e o tupy, guarany, concani, angolense, etc., serão n'este dictionario devidamente explanados, correspondendo elle assim á sua elevada missão concreta e positiva.

O *Dictionario Universal Portuguez*, paopriedade da antiga Livraria Zeferino, de Lisboa, e por ella editado, sahe quizalmente em fasciculos de 48 paginas de texto, ou 3 folhas de 16 paginas em 4.º maximo, com 144 columnas de excellento typo, nitidamente impresso em magnifico papel, expressamente fabricado para o nosso Dictionario.

Cada fasciculo custa em Portugal 400 réis, no Brazil 1\$200 réis francos. Paga á entrega.

Assigna-se para o *Dictionario Universal* nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-editor, Henrique Zeferino, antiga Livraria Zeferino, 87, rua dos Fanqueiros, Lisboa, onde se aceitam quaesquer reclamações e se distribuem prospectos da obra.

São correspondentes da Empresa no Rio de Janeiro os srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95.

Ao presente estão publicados 25 fasciculos ou cerca de 1200 paginas, ficando muito breve concluido o 1.º volume, que comprehende toda a letra A.

Ricos e valiosos artigos para presentes, tudo que apparece em bom, proprio para offerecer á mais aristocratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. De Paris, Russia e Philadelphia recebem-se os primeiros modelos.

O **Centro** aceita objectos bons para expôr á venda; a casa é a mais concorrida da capital, por isso tudo encontra collocação por soffríveis preços.

CENTRO COMMERCIAL

LUVA AROMATISADA

Da secção de luvaria do **Centro** enviam para qualquer destino, a truco d'estampilhas, a luva da moda.

Preço: tendo quatro botões as para senhoras e dois as para cavalheiros, são 500 réis !!!

Sendo maior quantidade tem abatimento os preços da bella luva aromatisada, assim como as de fino Suedo e Escossia, praias e canpo.

P. J. A. Cambournac

OFFICINA DE TINTURARIA A VAPOR

11, LARGO DA ANNUNCIADA, 16

420, Rua de S. Bento, 420

LISBOA